

## JUNG E NERUDA: UMA APROXIMAÇÃO A TRÊS

Mara N. Silva

**RESUMO:** As “marcações” que trazemos se materializam, nas lutas, na forma de ser e estar no mundo, pois nossa história não silencia e se articula com a história da sociedade na qual estamos inseridos. Manifesta-se em nosso fazer e pensar, em nosso trabalho. Trabalho que constrói obras, que indissocia processos, que atravessa autores, que constitui culturas e dá aos aglomerados uma feição de humano, estabelecendo os fios e construindo tecido que é coletivo e pessoal. É na perspectiva do trabalho enquanto criação, que me atrevo neste texto a trazer semelhanças entre Pablo Neruda e Carl Jung, mescladas com minhas memórias. Sem negar a existência de diferenças, recorto semelhanças, ligando, articulando, urdindo os fios e a melodia composta pelas múltiplas vozes.

*Eu sou a dureza desses morros  
revestidos,  
enflorados,  
lascados a machado,  
lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo  
Pastados  
Calcinados  
e renascidos.  
(Cora Coralina)*

Podemos dizer que as “marcações” que trazemos se materializam, nas lutas, na forma de ser e estar no mundo, pois nossa história não silencia e se articula com a história da sociedade na qual estamos inseridos. Manifesta-se em nosso fazer e pensar, em nosso trabalho. Trabalho que constrói obras, que indissocia processos, que atravessa autores, que constitui culturas e dá aos aglomerados uma feição de humano, estabelecendo os fios e construindo tecido que é coletivo e pessoal.

Rever essa história, reconhecendo as marcas que a caminhada nos foi deixando, é possibilidade de ressignificar o fazer e os modelos recebidos. Modelos que podem nos jogar numa torrente de terror, fazendo-nos ver aquilo que, embora presente, não era visto. Realizar o inventário de si, como uma forma de elaboração e reelaboração de concepções, é movimento necessário. Movimento da dialética incessante da vida.

É na perspectiva do trabalho enquanto criação que me atrevo neste texto a trazer semelhanças entre Pablo Neruda e Carl Jung. Sem negar a existência de diferenças, recorto semelhanças, ligando, articulando, urdindo os fios e a melodia

composta pelas múltiplas vozes, para que o contar das bocas do tempo se faça resistência ao apagamento da história.

Jung e Neruda nos trazem suas memórias nas obras *Memórias, sonhos e reflexões*<sup>1</sup> e *Confesso que vivi*, respectivamente. Nelas inscrevem como foram se constituindo, as marcas de suas experiências, seus mitos, a riqueza de seus inconscientes, de suas vidas, deixando legados permeados de natureza. Do pessoal ao coletivo, nos chegam suas memórias. Memórias que se entrelaçam às minhas memórias, meu próprio processo de vida, trabalho, análise e de chegar ao Chile, à Isla Negra, adentrar a casa de Neruda e percorrer seu entorno. E imaginar: Quem sabe, um dia, eu conheça a casa de Jung!



---

<sup>1</sup> Há considerações de que houve supressão e edições de capítulos de contribuições de Jung em *Memórias, sonhos e reflexões*.



Os Andes me emudeceram, pela sua grandiosidade e beleza. Os Alpes, não conheço. Mas o bater acelerado de meu coração diante da imensidão da cordilheira, talvez tenha sido o mesmo dos dois meninos, que tão distantes geograficamente, partilharam a mesma emoção frente a imponência da natureza.



Imagens são pequenos recortes do movimento da vida, dos tempos e espaços construintes de relações, das andanças, daqueles com quem partilhamos sonhos,

apostas, trabalho, esperança, dores, alegrias... Como diz Galeano<sup>2</sup>, “Quien escribe teje. Texto proviene del latín textum, que significa tejido. Con hilos de palabras vamos diciendo, con hilos de tiempo vamos viviendo. Los textos son, como nosotros, tejidos que andan...”.

Pablo Neruda, nasceu em 1904, em Parral – Chile, e morreu em setembro de 1973, em Santiago. Cresceu em Temuco, cercado de bosques, lagos, montanhas e rios.

Carl Gustav Jung, nasceu em 1875, em Kesswil, Turgóvia - Suíça, e morreu em 1961 em Küsnacht, Zurique. Cresceu em Klein-Hüningen, perto da Basileia. Continentes, tempos, culturas... separam estes dois homens, que, no entanto, possuíam um grande amor pelo humano, e que, cada um a seu modo, procederam a um conhecimento de si, de sua sombra e do que estava presente no coletivo. Dão passagem às imagens que os habitam e as escutam, sem deixarem de ser homens de seu tempo, ou seja, “sujeitos históricos que viveram intensamente sua época com suas contradições<sup>3</sup>” (FACINA, 2024).

Começou por praias infinitas e montes emaranhados uma comunicação entre minha alma, quer dizer, entre minha poesia e a terra mais solitária do mundo. Isto foi há muitos anos, mas essa comunicação, essa revelação, esse pacto com o espaço, tem continuado ao longo de minha vida (NERUDA, 1974, p. 24)

Ao acordar, compreendi imediatamente que sonhara com o “fantasma de Brocken”, com minha própria sombra projetada na bruma pela pequena luz que eu buscava proteger. Sabia que essa pequena chama era minha consciência a única luz que possuía. O conhecimento de mim mesmo era o único e maior tesouro que possuía. Apesar de infinitamente pequeno e frágil comparado aos poderes da sombra era uma luz, minha única luz. (JUNG, 2021, p. 86)

A existência de um outro em si, que ao mesmo tempo era ele mesmo, constituiu a verdade de cada um. Uma tensão de contrários, de tendências distintas. Cada um na sua especificidade confrontou-se com o inconsciente.

A timidez é uma condição estranha da alma, uma categoria e uma dimensão que se abre para a solidão. Também é um sofrimento inseparável, como se a gente tivesse duas epidermes e a segunda pele interior se irritasse e se contraísse diante da vida. Entre as estruturações do homem, esta qualidade ou este defeito são parte do amálgama que vai fundamentando, numa longa circunstância, a perpetuidade do ser (NERUDA, 1974, p. 41)

Que solidão a de um pequeno menino poeta, vestido de negro, na fronteira espaçosa e terrível. A vida e os livros pouco a pouco vão me deixando entrever mistérios esmagadores. (NERUDA, 1974, p. 26)

Perturbadíssimo, tomei consciência de que, na realidade, havia em mim duas pessoas

---

<sup>2</sup> GALEANO, Eduardo. *Tejidos: Antología*. Barcelona: Octaedro, 2001.

<sup>3</sup> FACINA, Adriana. *Orientação*, 2024.

diferentes: uma delas era o menino de colégio que não compreendia matemática e que se caracterizava pela insegurança; o outro, era um homem importante, de grande autoridade, com quem não se podia brincar [...] (JUNG, 2021, p.43).

Trabalho que é intervenção no mundo. Processo histórico como movimento nas suas contradições, em cada momento, mas que tem que ser olhado, na sua totalidade. Que se desenvolve em meio a um movimento de báscula constante à caixa de Pandora<sup>4</sup>.

Caminhada esta que permite o inventário, como diz Gramsci<sup>5</sup>, num movimento do individual ao coletivo e do coletivo ao individual. Assim, o trabalho, enquanto criação, transcende os autores. Tomados de surpresa, nos dizem em relação às suas obras:

Nunca pensei, quando escrevi meus primeiros livros solitários, que com o passar dos anos me encontraria em praças, ruas, fábricas, salas de aula, teatros e jardins, dizendo meus versos. (NERUDA, 1974, p. 268)

Nunca esperei que minha obra tivesse uma forte ressonância. [...] Hoje posso dizer: é maravilhoso que tenha tido tanto sucesso, mais do que jamais esperei. (JUNG, 2021, p. 195)

O brincar foi um fazer importante e acompanhou a vida tanto de Neruda quanto de Jung, mesmo adultos. Uma manifestação lúdica da fantasia, necessidade interna, como dizia Jung.

Em minha casa fui reunindo brinquedos pequenos e grandes, sem os quais não podia viver. A criança que não brinca não é criança. Mas o homem que não brinca perdeu para sempre a criança que vivia nele e que lhe fará muita falta. Edifiquei minha casa também como um brinquedo e brinco nela da manhã à noite. São meus próprios brinquedos. Juntei-os através de toda a minha vida com o propósito de me entreter sozinho. (NERUDA, 1974, p. 284-285)

[...] O garoto anda por perto e possui uma vida criativa que me falta. [...] Se eu quisesse, entretanto, restabelecer o contato com essa época de minha vida só me restava voltar a ela acolhendo outra vez a criança que então se entregava aos brinquedos infantis. Esse momento marcou um ponto crucial no meu destino. [...] Pus-me, então, a colecionar pedras, trazendo-as da beira do lago ou de dentro d'água; depois comecei a construir casinhas, um castelo, uma cidade. [...] Todos os dias depois do almoço, se o tempo permitia eu me entregava ao brinquedo de construção. Mal terminada a refeição, brincava até o momento em que os doentes começavam a chegar; [...] com isso meus pensamentos se tornavam claros e conseguia apreender de modo mais preciso fantasias das quais até então tivera apenas um vago pressentimento. (JUNG, 2021, p.154-155)

Em relação ao brincar, lembro novamente minha visita ao Chile. O susto que várias de

---

<sup>4</sup> No sentido de que frente ao que se descortina é necessário manter viva a utopia, a esperança, a possibilidade.

<sup>5</sup> GRAMSCI, Antônio. Obras Escolhidas. Vol. I. Lisboa: Estampa, 1974, p. 27.

nós levaram e a gritaria, quando lépidas e faceiras entramos nos quartos, e encontramos roupas e sapatos masculinos. Estranho! Uma tomava banho, outra se preparava para sua vez no chuveiro. De repente, dois homens entram. Surpresa e gritaria em outros quartos. Eles e nós corremos para a recepção. Não sei quem estava mais assustado. Invadimos todos a recepção e finalmente o episódio foi esclarecido. O hotel havia reservado os quartos para nós, 32 pesquisadores, e para uma convenção de bombeiros. Os bombeiros, entre apavorados e encabulados, e nós, rindo muito da situação, que se tornou uma brincadeira, durante toda a vigem. Além disso, a alegria frente a uma nevasca inusitada no mês de novembro, nos fez parar o ônibus para, feito crianças, brincar e tirar fotos na neve, que eu nunca tinha visto ao vivo. Um presente inesquecível.



Buscar um lugar, perto da água, seja doce ou salgada, um refúgio, um colo onde ser e estar, onde pudessem cantar seu canto, conjurar os fantasmas e ancestrais, se inscrever na materialidade da natureza e de si mesmo, foi imperativo. A pedra, a torre, eram parte dos dois.

Encontrei uma casa de pedra defronte do mar num lugar desconhecido para todo o mundo, chamado Isla Negra. [...] pude finalmente comprar, no ano de 1939, minha casa de trabalho em Isla Negra. [...] A costa selvagem da Isla Negra, com o tumultuoso movimento oceânico, permitia que eu me entregasse com paixão à empresa de meu novo canto. (NERUDA, 1974, p. 149)

[...] esta casa em Isla Negra, em um lugar deserto, quando aqui não havia água potável nem eletricidade. À custa de livros a melhorei e a ampliei. Trouxe amadas estátuas de madeira, carrancas de velhos barcos, que em meu lar encontraram asilo e descanso depois de longas viagens. (NERUDA, 1974, p. 313).

[...] O inverno é estático e brumoso. Ao seu encanto acrescentamos todo dia o fogo da lareira. A brancura das areias na praia nos oferece um mundo sempre solitário, como era antes de existirem habitantes ou veranistas na terra. [...] No inverno as casas de Isla Negra vivem envoltas pela escuridão da noite. Somente a minha se acende. (NERUDA, 1974, p. 353)

Trabalhando muito consegui, aos poucos, apoiar em terra firme minhas fantasias e os conteúdos do inconsciente. As palavras e os escritos não eram bastante reais para mim; era preciso outra coisa. Necessitava representar meus pensamentos mais íntimos e meu saber na pedra, nela inscrevendo, de algum modo, uma profissão de fé. Foi assim que comecei a construir a torre de Bollingen. [...] Desde o princípio tive a certeza de que era necessário construir à beira da água. [...] Ela devia oferecer uma sensação de refúgio e de abrigo, não só em sentido físico, mas também psíquico. [...] Era poderoso o sentimento de repouso e de renovação que a torre despertara em mim desde o início. Constituía como que uma morada materna. (JUNG, 2021, p. 196)

Desde o início, a torre foi para mim um lugar de amadurecimento - um seio materno ou uma forma materna na qual podia ser de novo como sou, como era, e como serei. A torre dava-me a impressão de que eu renascia na pedra. Nela via a realização do que, antes, era um vago pressentimento: uma representação da individuação. [...] Ela exerceu sobre mim uma ação benfazeja, como a aceitação daquilo que eu era. [...] Somente mais tarde percebi o que tinha nascido, e a forma plena de sentido que disso resultara, símbolo de totalidade psíquica. Ela se desenvolvera como um grão antigo que tivesse germinado. (JUNG, 2021, 197-198)

Às vezes como que me espalho pela paisagem e nas coisas, e vivo em cada árvore, no sussurro das vagas, nas nuvens, nos animais que vão e vêm, e nos objetos. Nada há na torre que não tenha surgido e crescido ao longo dos decênios, nada a que eu não esteja ligado. Tudo tem sua história, que é também a minha história, e aqui há lugar para o domínio não espacial dos segundos planos. [...] Renunciei à eletricidade e acendo eu mesmo a lareira e o fogão. À tarde acendo os velhos lampiões. Não há água corrente; preciso tirá-la do poço, acionando a bomba manual. Racho a lenha e cozinho. Esses trabalhos simples tornam o homem simples, e é muito difícil ser simples. [...] Em Bollingen mergulho no silêncio [...]. Ideias emergem, do fundo dos séculos, antecipando, portanto, um futuro longínquo. Aqui se atenua o tormento de criar; aqui criação e jogo se aproximam. (JUNG, 2021, p. 198)

Minhas memórias se mesclam com as de Neruda e Jung, me dou conta de uma necessidade que me move e me constitui, meio sem sentido, se poderia dizer, mas profundamente importante para mim. Frente a construções significativas, preciso colocar a palma da minha mão nelas. Sejam paredes, lápides, monumentos, livros. Assim foi na casa de Neruda, e outros lugares do Chile, na Fiocruz, em relação aos livros... Me sinto movida a tocar a materialidade, e nesse momento uma emoção me invade. É como se as vidas e histórias que ali passaram me invadissem, como se eu estivesse fazendo parte, naquele momento, de tudo o que ali viveu e foi vivido. Presente mesmo que no passado, compartilhando amores, dores, lutas, conquistas e derrotas.

A água se presentifica nas memórias diversas vezes, como algo que impulsiona. Movimento constante como acalanto e como desafio.

Passei por Temuco ao meio-dia. Não fui a nenhum lugar, ninguém me reconheceu: por simples acaso meu velho Temuco era minha rota de saída. Atravessamos a ponte e o vilarejo Padre Las Casas. Paramos já longe da cidade para comer alguma coisa sentados numa pedra. Pelo declive corria um riacho e lá embaixo suas águas soavam. Era minha infância que se despedia de mim. Cresci nesta cidade, minha poesia nasceu entre o morro e o rio, tomou a voz da chuva, impregnou-se dos bosques, tal como a madeira. E agora, no caminho para a liberdade, acampava um instante ao lado de

Temuco e ouvia a voz da água que me ensinou a cantar. (NERUDA, p. 1974, 189)

O sol cintilava sob as águas. As vagas produzidas pelos barcos a vapor chegavam às margens desenhando nervuras delicadas na areia do fundo. O lago se estendia por uma distância incalculável, e esta amplidão era uma delícia inconcebível, um esplendor sem igual. Foi então que se fixou fortemente em mim a ideia de que eu deveria viver à beira de um lago. Parecia-me impossível viver sem a proximidade da água. (JUNG, 2021, p. 22)

A natureza não é passiva, tem voz, é imagética. Se a escutamos há possibilidade de olhar de uma outra forma nossa história. Permite um (re)encontro e um (re)contar.

[...] Em 1923 tive uma curiosa experiência. [...] Era mais de meia-noite. Antes de me deitar abri as janelas de meu quarto. O céu me deslumbrou. Todo o céu vivia povoado por uma multidão pululante de estrelas. A noite estava recém-lavada e as estrelas antárticas se desdobravam sobre minha cabeça. [...] Senti-me embargado por uma embriaguez de estrelas, celeste, cósmica. Corri à minha mesa e escrevi de maneira delirante, como se recebesse um ditado. [...] Movia-me como se estivesse andando em minhas verdadeiras águas. (NERUDA, 1974, p. 57)

Sentei-me e pus-me a ouvir, fascinado. Durante mais de uma hora, escutei o concerto, essa mágica melodia da natureza. Música suave, com todas as desarmonias da natureza, pois esta não é só harmoniosa. mas também caótica e cheia de contrastes. Assim era a música, torrente de sons como, na natureza, as águas e o vento – tão estranha, que é absolutamente impossível descrevê-la. (JUNG, 2021, p. 200-205)

De suas vidas vividas, se permitindo o encontro com “imagens primordiais”, Neruda e Jung foram homens em que o inconsciente foi se realizando.

Continuo trabalhando com os materiais que tenho e com o que sou. Sou onívoro de sentimentos, de seres, de livros, de acontecimentos e lutas. Comería toda a terra. Beberia todo o mar. [...]. Por isso o debate entre o real e o subjetivo foi determinado dentro do meu próprio ser. Minhas experiências podem ajudar, sem pretensões de aconselhar ninguém (NERUDA, 1974, p. 279)

Dei tudo que tinha. Lancei minha poesia na arena e muitas vezes sangrei com ela, sofrendo as agonias e exaltando as glórias que me coube presenciar e viver. Algumas vezes fui incompreendido, e isto não é de todo mau. (NERUDA, 1974, p. 310)

Passam-se os anos. A gente se gasta, floresce, sofre e sente prazer. Os anos levam e trazem a vida para a gente (NERUDA, 1974, p. 314).

Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderão sempre - como nos arvoredos de outono e como no tempo das vinhas – as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho sagrado. Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta. (NERUDA, 1974, p. 10)

Sinto-me contente de que minha vida tenha sido aquilo que foi: rica e frutífera. Como poderia esperar mais? Ocorreram muitas coisas, impossíveis de serem canceladas. Algumas poderiam ter sido diferentes, se eu mesmo tivesse sido diferente. Assim, pois, as coisas foram o que tinham de ser; pois foram o que foram porque eu sou como sou. Muitas coisas, muitas circunstâncias foram provocadas intencionalmente, mas nem sempre representaram uma vantagem para mim. Em sua maioria dependeram do destino. Lamento muitas tolices resultantes de minha teimosia, mas, se não fossem

elas, não teria chegado à minha meta. Assim, pois, eu me sinto ao mesmo tempo satisfeito e decepcionado. Decepcionado com os homens, e comigo mesmo. Em contacto com os homens vivi ocasiões maravilhosas e trabalhei mais do que eu mesmo esperava de mim. Desisto de chegar a um julgamento definitivo, pois o fenômeno vida e o fenômeno homem são demasiadamente grandes. À medida que envelhecia, menos me compreendia e me reconhecia, e menos sabia sobre mim mesmo. (JUNG, 2021, p. 309)

Finalizando, mesmo que de forma provisória, esta aproximação a três, vivo o atravessamento de uma nova análise. Também erigi minha torre onde estão, de corpo presente ou não, pessoas que amo, objetos e lembranças de onde andei. Onde me refugio e me sinto acarinhada ao mesmo tempo em que estou imersa no mundo, caminhando em meu processo de individuação.

## **REFERÊNCIAS**

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. 35 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. Bertrand Brasil, 1974.